

NATUREZA URBANA

Adriana Baumgratz
Da equipe do **Correio**

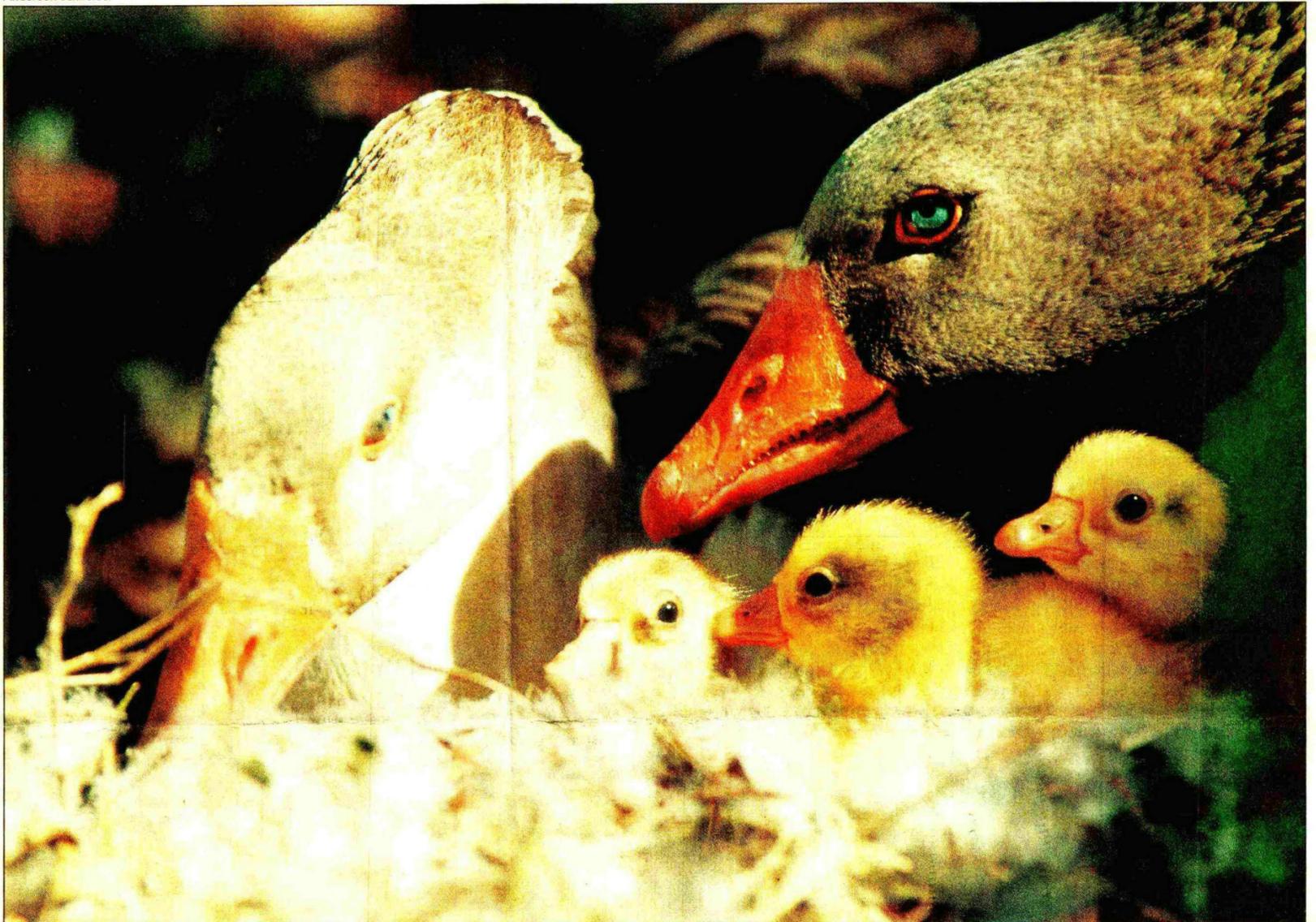
O grasnido assusta os visitantes. O pescoço esguio presente qualquer sinal de perigo. É bom não se aproximar. Enquanto isso, a fêmea, indiferente ao perigo, choca os filhotes com zelo. De vez em quando, abre as asas, acaricia a cabeça com o bico afinado, conferindo se os seis estão ali. O outro macho — em geral, marido ou integrante do bando — não desgruda da ninhada. Companheiro, vela o sono da família.

As oito ilhas de um dos lagos artificiais do Parque da Cidade estão repletas de ovos. Grupo de gansos, patos e marrecos vigiam os ninhos. No final da tarde de segunda-feira, as cascas frágeis começaram a se quebrar. O último filhote nasceu nas primeiras horas da manhã de ontem.

Pêlo fino, mesclado de preto, bico amarelado e olhos assustados. As asas são débeis. Embora patos, gansos e marrecos, da família *Anatidae*, já venham ao mundo sabendo nadar, os pequenos gansos preferem mesmo ficar sob a proteção materna. E alimentar-se de migalhas de grãos de milho. A gansa se encarrega de matar a fome. Estica o bico e oferece o alimento para cada filhote indefeso. O ninho é cercado de penas brancas, misturadas a folhas secas. Aconchegante.

A expectativa do administrador do Parque da Cidade, Cassio Poli, é que perto de 200 ovos estejam espalhados entre a vegetação rasteira das oito ilhas

Anderson Schneider



Casal de gansos cuida do ninho no Parque da Cidade: se um estranho tentar se aproximar, será repellido com grasnidos e bicadas. Um dos filhotes nasceu na manhã de ontem

do lago artificial. A maioria, ninhadas de ganso. Mas, 40 patas também estão chocando por ali.

Enquanto os ovos não se quebram — a estimativa é de que esse processo demore de 28 a 32 dias — os pais ou integrantes do bando tomam conta das ilhas. Por instinto, eles temem a ação dos predadores. Pássaros maiores que farejam a presença de filhotes. Alguns acabam na mira dos algozes. Ao redor da ilha, na água barrenta, existem restos

das cascas dos ovos. São gaviões, pássaros com bicos finos e até ratos que devoram as presas fáceis.

NINHOS

Há ninhos com seis, nove ovos. Experiente com as aves, o tratador José Carlos de Souza, há oito anos no Parque da Cidade, comemora a chegada da primeira ninhada. Só lamenta ter perdido o momento do nascimento. Acostumado a tratar das aves, José Carlos, 42 anos, natural de

Bom Jesus da Lapa (BA), entrou na canoa segunda-feira, remou alguns metros e foi alimentar a família abrigada na ilha.

Ficou surpreso quando deixou porções de milho e farelo espalhadas no chão. A gansa não buscou a refeição. "Foi quando vi que ela abriu as asas e mostrou os filhotes", conta José Carlos de Souza, que conversa com os casais de gansos e patos. "Ele não vai pegar nada", sussurra para o pai, ao lado do visitante indesejado. O tratador procura ser cui-

dadoso. "Eles são calmos. Mas, nessa época, quando as fêmeas estão chocando, estranham mesmo", avisa. Com cautela, aponta os novos ninhos que descobre entre uma ilha e outra. Recheados de ovos graúdos, maiores que os ovos de galinha, esbranquiçados.

Oitenta aves, entre gansos, patos e marrecos, nadam nas águas do Parque da Cidade, cedidos pelo Jardim Zoológico de Brasília. Consomem um saco de milho por semana, seis de

ração por mês, além devorarem ervas aquáticas. Nos primeiros 35 dias de vida, os filhotes permanecerão no setor de Manutenção do Parque da Cidade, acompanhados das mães, longe dos predadores. Depois, retornam para as ilhas.

Quando adultos, explica a veterinária Lúcia Magalhães, os gansos mudam de cor e chegam a medir de 75 a 89 centímetros. Podem se reproduzir mais de uma vez por ano. Em média, cada ninhada tem sete ovos.

BOI NO BREJO

Raimundo Paccó



Um tripé e cinco horas de esforço. Foi esse o tempo que cinco bombeiros levaram ontem para retirar um boi que caiu num buraco de oito metros de profundidade por um metro de largura, no Recanto das Emas. No terreno funcionava uma fábrica de tijolos. O animal, de cinco anos, foi encontrado por um carroceiro. "Ouvi um barulho, cheguei mais perto e lá estava o boi todo espremido", conta Célio Pereira, 36 anos. O resga-

te começou às 10h e só terminou às 15h com o animal morto. "Ele era meu xodó", lamenta o chacareiro Jaques Almeida, 77 anos, dono do boi. "Tenho mais 35 cabeças de gado, mas era dele que eu mais gostava." O animal, da raça gir, pesava 400 quilos. "No Recanto das Emas é comum esse tipo de chamada", diz o bombeiro Elisaldo Rodrigues. "A cidade ainda não tem esgoto e os animais costumam cair em fossas."

Mistério dos gatos envenenados

Marcelo Abreu

Da equipe do **Correio**

Tom desapareceu. Nino morreu há um mês. Na última sexta-feira, Galego foi achado dentro da lixeira. Durinho. Enrolado num saco. Mortinho da silva. Teco está vivo mais pode ser a próxima vítima. E a dona de todos eles, a agente de portaria Francisca Freire, de 50 anos, está apavorada. E aos prantos.

Não é para menos. Na Candangolândia, do último final de semana até ontem, mais de 20 gatos foram assassinados. Todos envenenados. E aparecem, misteriosamente, em lixeiras, nos telhados, estendidos na rua, nos matos da redondeza.

A vizinhança da quadra 1 está em polvoroza. "Isso é de uma malvadeza sem tamanho, menino. É extermínio", desespera-se a dona do desaparecido Tom, dos "finados" Nino e Galego e de Teco, o sobrevivente. Só não se sabe até quando.

Em frente à casa de Francisca, a vizinha Maria Simplício Belo, de 56 anos, achou seis gatos mortos no telhado. "Olha, moço, eu não tenho gato nenhum, mas nunca maltratei os bichinhos. É coisa de gente sem coração." E mais tragédia. Diny, a gata

Wanderlei Pozzembom



Francisca mostra foto de Galego, um dos gatos que foram envenenados

siamesa que alegrava a casa de Amélia Modesto, de 40 anos, foise. Também desapareceu. "Deve ter sido jogada no lixo. Eu nem pude fazer o enterro dela", entristece-se a dona-de-casa.

Na casa de Duvalina Vieira, de 37 anos, Pipita, a gata que acabara de parir, foi assassinada. Deixou quatro filhotes. "Minha filha tá inconformada. Chora toda hora", lamenta.

No meio do zunzuzum que se formou na quadra 1 — ali não se fala em outra coisa —, a vizinhança diz saber quem está envenenando os animais. "É um

senhor que não gosta dos gatos porque eles vão para o telhado dele e arrancam os carros na garagem", conta uma vizinha. E mais: "Ele disse um dia, no meio da rua, pra todo mundo ouvir, que ia colocar veneno e misturar numa lata de sardinha".

O **Correio** encontrou o vizinho suspeito de envenenar os gatos. Policial civil aposentado, 58 anos e cabelos brancos, ele nega qualquer participação nas mortes dos bichos. "Eu? Imagina. É intriga. Tenho duas netinhas pequenas e não usaria veneno dentro da minha própria

casa. Esse pessoal fala demais."

Mas a Sociedade Protetora dos Animais começou a investigar o caso. "Temos fortes indícios de que seja ele. Há outras denúncias, de várias pessoas da quadra, sobre esse mesmo senhor", diz a advogada da instituição, Ana Mascarenhas, de 43 anos.

Ana aconselha todas as moradores que tiveram animais mortos a procurarem a delegacia mais próxima para prestar queixa. Mas é preciso que haja prova. "O criminoso pode ser enquadrado no artigo 64, que trata das contravenções penais." E avisa: "A pena varia de 10 dias a um mês de prisão, mais pagamento de multa".

Enquanto isso, Francisca, a dona do sobrevivente Teco continua desolada. Agora, só mesmo Tiquinho, o cachorrinho magro, é seu mais fiel companheiro. "De noite, eu assistia televisão com meus gatinhos. A gente até conversava. Eram meus amigos. Agora, só ficou o Teco... Eu tô apavorada, meu Deus..." diz, mostrando a foto de Galego, que ela tirou quando ele morreu.

Coitada de dona Francisca. Coitados dos gatos da Candangolândia.